

Perspectiva cultural de um texto literário  
genuinamente português: Mensagem

Eliana M. S. Donaio

"Ah, quanto mais ao povo a alma falta,  
Mais a minha alma atlântica se exalta"

XI. A Última Nau

De uma lusitanidade exemplar, Mensagem é aquele discurso entre sinfonia e réquiem.<sup>1</sup>

Porque tenta entender poética e misticamente a história portuguesa, esse livro de profecia, informado na base do discurso esotérico rosacruziano, coloca em pauta questões filosóficas paradoxais, intrinsecamente relacionadas, como as de identidade X alteridade, real X irreal, história X trans-história e profano X sagrado.

Tendo identificado na Mensagem seu ser, como poeta, ao da pátria, num processo duplo que une as suas aventuras espirituais com as desse ente coletivo, Fernando Pessoa encontra sua tão procurada identidade, cu

---

Eliana M. S. Donaio é aluna de graduação do curso de Letras do IEL.

ja apreensão imediata sempre lhe fugira, chamando-a de "meu intenso sofrimento patriótico".

Tudo se passa segundo uma concepção religiosa de existência e do mundo, espécie de sacralidade da vida e do cosmos, numa perspectiva transcendente e teocêntrica. Um Deus, misterioso mas Real, Criador preexistencial e eterno, se manifesta na criatura do homem - do poeta, esse que é sua parte mortal porque material, esse que é símbolo terrestre do Divino, esse que é Seu instrumento, que se identifica com Ele, numa relação de amor, enquanto parte do Todo e que, movido por um desejo de Salvação, de Redenção, por meio da Paixão, vê essa vida mero intervalo de eternidade: um Calvário.

Assim, "toda a Mensagem, na sua particular formulação simbólica e mitológica, implicará e transportará nela uma concepção trans-histórica. Como toda realidade dita por esta forma de conhecimento, ela conterá em si uma realidade para além das coordenadas do tempo".<sup>2</sup> Aí a transfiguração, no Brasão, das personagens históricas em míticas, pois sua ação heróica só adquire pleno significado dentro de uma referência mitológica, já que sua realização terrestre, individual, cumpre um dever pátrio, uma missão transcendente, onde "Deus é o agente./ O heroe a si assiste, vário/ E inconsciente."

Só que, "como n'Os Lusíadas, a teoria do heroísmo é uma teoria do sacrifício"<sup>3</sup> e os heróis da Mensagem são os que têm na insatisfação o seu fado: "Os deuses vendem quando dão./ Compra-se a glória com desgra-

ça./ Ai dos felizes, porque são/ Só o que passa!". Tanto é assim, que essa idéia do sacrifício como condição da salvação será fortemente vertida na segunda parte da Mensagem, "Mar Portuguez". "E neste mar, a procura faz-se a travessando passagens difíceis; no caminho o herói ou neófito, atravessará diversos níveis da realidade em direção a um centro: passagens guardadas por monstros".<sup>4</sup> Nessa aventura pátria, tal como na aventura do poeta, todo passo é uma cruz. Por isso Dalila Pereira da Costa vê os Descobrimentos como uma iniciação nesse caminho que levará a esse centro ansiado. A possessão do Absoluto, tal como a aproximação dum lugar consagrado, é sempre perigosa e exige a força dum herói "e a prova desta força, que é ao mesmo tempo uma depuração do ser, um sacrifício".<sup>5</sup>

Na Mensagem, o aspecto que predomina sempre na atitude em face ao Sagrado, ao Absoluto, ao Divino, é a Salvação, forma sob a qual surge mais acentuada a atitude religiosa do povo português. Manifestada na demanda do Paraíso, ou das Ilhas Afortunadas, e no sebastianismo, ou mais generalizadamente, na espera do Messias, ou do Desejado, a Salvação aparece como o momento do fim de um ciclo de vida profana, que é ao mesmo tempo o início de um outro ciclo, de uma nova era - a do Encoberto (terceira parte de Mensagem), a da imortalidade, a da ordem do perene, do transcendente, do divino, do macro-cósmico: o Quinto Império.

Nesta sede de salvação, um sentimento toma corpo no espírito português - a nostalgia, "traduzido

pela palavra a mais específica da sua língua - a saudade".<sup>6</sup> Saudade que é ao mesmo tempo uma recordação de uma pátria que nunca existiu e a expectativa dessa pátria.

Esse saudosismo, expressão máxima da lusitanidade, nascido de uma espécie de desespero de viver dos portugueses<sup>7</sup>, esse mesmo sentimento nacional, que funciona como elemento de dinamização coletiva a estimular o progresso tanto material como espiritual do país, seria a solução para a angústia de viver do poeta, para a sua hostilidade à realidade tão carnal, para a sua náusea em sentir-se "Cadaver addiado que procria": "o mais é carne, cujo pó/ A terra espreita."

Para Jacinto do Prado Coelho, a face heróica da poesia de Fernando Pessoa "em que se procura superar o tédio pela intuição de um destino supra-individual, é a poesia da Mensagem".<sup>8</sup> Ainda segundo esse autor, "esta aventura no subjetivo, 'num mar que não tem tempo ou espaço', à procura do Longe, da Distância, do Indefinido, do que não existe, tem na Mensagem a justificação de um imperativo nacional".<sup>9</sup>

Essa identificação entre o poeta e a pátria é perfeita na terceira parte do livro, quando da inserção dele - Fernando Pessoa - no lastro mítico, como o terceiro dos avisos do Encoberto: "Quando virás, ó Encoberto,/ Sonho das eras portuguez,/ Tornar-me mais que o sopro incerto/ De um grande aneio que Deus fez?".

No momento final desta reflexão uma pergunta fica no ar: até que ponto torna-se lícito interpre

tar Mensagem como a versão modernizada d'Os Lusíadas?

---

NOTAS:

- 1) Adotamos aqui a mesma imagem utilizada por Eduardo Lourenço, em referência a 'Os Lusíadas, no artigo "Psi canálise Mítica do Destino Português" publicado na revista Raiz e Utopia, 5/6, prim.-ver. 28.
- 2) da COSTA, D. L. P. O esoterismo de Fernando Pessoa. Porto: Lello e Irmão Ed., 1971, p.161.
- 3) COELHO, J. do P. Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa. São Paulo: Verbo, Ed. da USP, 1977, p.60.
- 4) da COSTA, D. L. P. op. cit., p.177.
- 5) Idem, ibidem, p. 178.
- 6) Idem, ibidem, p. 178.
- 7) SERRÃO, J. Do Sebastianismo ao Socialismo em Portugal. Lisboa: Livros Horizonte, 1973, p. 30.
- 8) COELHO, J. do P., op.cit., p.132.
- 9) Idem, ibidem, pp.133-134.